

VISCERAIS: CARNE, FOGO E SANGUE

SAMUEL RABELO

Edições UERN

VISCERAIS: CARNE, FOGO E SANGUE

Samuel Rabelo

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Reitora
Cicília Raquel Maia Leite

Vice-Reitor
Francisco Dantas de Medeiros Neto

Diretor da Editora Universitária da Uern (Eduern)
Francisco Fabiano de Freitas Mendes

Chefe do Setor Executivo da Editora Universitária da Uern (Eduern)
Jacimária Fonseca de Medeiros

Chefe do Setor de Editoração da Editora Universitária da Uern (Eduern)
Lindercy Francisco Tomé de Souza Lins

Conselho Editorial da Edições Uern
Andreza Tacyana Félix Carvalho
Francisco Fabiano de Freitas Mendes
Franklin Roberto da Costa
Fernanda Abreu de Oliveira
Gleisson do Carmo Oliveira
Ismênia Gurgel Martins
Jacimária Fonseca de Medeiros
Lindercy Francisco Tomé de Souza Lins
Maria Ione da Silva
Otoniel Fernandes da Silva Júnior
Patrícia Batista Barra
Kalidia Felipe de Lima Costa
Saulo Gomes Batista
Sérgio Luiz Pedrosa Silva

Revisores
Adriana Lohanna dos Santos
Jodeylson Islony de Lima Sobrinho

Capa
André Luiz Carvalho

Diagramação
Francisca Pâmela de Oliveira Cassundé

Catalogação da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

R114v

Rabelo, Samuel Francisco
Víscerais : carne, fogo e sangue [recurso eletrônico] / Samuel Francisco Rabelo. – Mossoró, RN : Edições UERN, 2026.

1recurso online (PDF) : il.
ISBN 978-85-7621-618-6

1.Literatura dissidente. 2. Transfeminicídio. 3. Estudos de gênero e sexualidade. 4. Corpos marginalizados. 5. Literatura LGBTQIA+ I. Título.

UERN/BC CDD B869.1

Bibliotecária: Jocelania Marinho Maia de Oliveira CRB 15 / 319

Aquelas que, com o peso do abandono e o fogo da luta, fizeram da estrada um lugar de afirmação e revolução; a vocês, que são a memória viva de uma história que insiste em ser apagada, mas que nunca se cala.

Com gratidão.

Rabelo.

SUMÁRIO

Prefácio **8**

PARTE UM - *Desaforos* **12**

Manifesto: a carne que o Estado não reconhece 14

Carta às Famílias: a filha que vocês expulsaram 17

Carta às Traviarcas: as que salvaram do fim 21

Carta ao Sagrado 25

Expectativa: e exigência de vida 29

Quando o transfeminicídio bate à porta da ciência 33

PARTE DOIS - *35 Revoluções* **35**

I O martírio de Milane Spencer 37

II Laysa Fortuna: espelho quebrado em fúria 40

III Denise Sollony: ainda não é vitória, masjá é ruptura 43

IV Amani: avesso, apreço, aquece 46

V Alana: para sempre TRAVESTI 50

VI Ketlin: Um tiro na memória 53

VII Keron: Infância interrompida 56

VIII Ester nas Dunas, Flor Degolada 60

IX O Coração furtado de Quelly 63

X Laura Vermont: o silêncio que ecoa 66

XI Hillary: via-sacra de sangue 69

XII Lorena: 7 minutos.....72
XIII Danny não era a garota de Ipanema 76
XIV Marcele na lona, o Estado na ausência 80
XV Rosinha do beco:
quando o tempo insiste em viver 84
XVI Myrella, mandacaru florido na morte 88
XVII Evinha: A noite não perdoa 91
XVIII Crismilly Pérola: negritude travesti..... 93
XIX Dandara: nome que sangra 95
XX Gisberta: canto de um corpo além-mar 97
XXI Renata Ferraz: PB-275..... 98
XXII Jeje Sucesso: um corpo, mil lágrimas.....100
XXIII Brenda Lee: abraço e resistência.....102
XXIV Santrosa: canto silenciado 104
XXV Roberta da Silva: carne em chamas.....106
XXVI Raquelly Letícia: o corpo consumido.....109
XXVII Kamylla: grito de justiça.....111
XXVIII Fabiana: sangue no chão, flor no sertão.....114
XXIX Rafaela: a voz silenciada da Papuda.....118
XXX Isabely: garganta rasgada, eco de revolta.....120
XXXI Jéssica Gonzaga: adubo em fúria.....122
XXXII Corpo-deserto, corpo-rio:
Carta para Shakira 125
XXXIII Paloma Amaral:
Brutalidade escrita com sangue..... 129

XXXIV Luane Costa e o Lobo
em pele de cordeiro 132

XXXV Naira Victória:
não foi só crime, foi *cistema* 135

Denúncia: transnecropolítica 138

Carta a Xica Manicongo: Com Gratidão 141

Ainda Estamos Aqui 144

Prefácio

Fazendo comunidade: necroescrita e resistência

A escrita não só faz descortinar realidades, mas também faz refletir, questionar, engendrar ações por meio das quais os sujeitos se desterritorializam, possibilitando novas reterritorialidades. Assim, *Viscerais: carne, fogo e sangue* revela a potência da escrita que, ao articular corpo, voz e fazer literário, tensiona a ordem naturalizada do sistema mundo moderno-colonial por meio do imaginário e das vivências, transformadas, pela via da representação estética, em literatura, pois, como defende Adrienn e Rich[1] (2003), no ato da escrita sentimos as questões que nos inquietam ao mesmo tempo em que elas se encontram com as do mundo, levando-nos a reconhecer como estamos nele e como ele está em nós.

Nesse ponto, apropriando-se das reflexões de Audre Lorde[2] a respeito da importância da escrita poética para as mulheres negras, podemos afirmar que, para as pessoas

---

[1] RICH, Adrienne. **What is found there:** notebooks on poetry and politics. New York: W.W Norton&Company, 2003. 345p.
[2] LORDE, Audre. **Irmã outsider:** ensaios e conferências. Tradução: Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. 237p.

dissidentes, escrever também “não é um luxo. É uma necessidade vital da nossa existência. Ela [a escrita] cria o tipo de luz sob a qual baseamos nossas esperanças e nossos sonhos de sobrevivência e mudança. Primeiro como linguagem, depois como ideia e, então como ação mais tangível” (Lorde, 2019, p.47). Produz-se, portanto, um discurso que é sempre diálogo das práxis sociais, na confluência das subjetividades e do manejo com a palavra. Palavra como potência em ato de nomear “o que ainda não tem nome e que só então pode ser pensado” (Lorde, 2019, p. 47). A escrita é lugar de questionamento dos limites, das violências, das desigualdades, dos mecanismos que dizem quem é ou não humano e por isso reconhecido como uma vida vivível.

Desse modo, ao criar um eu-lírico cisgênero, Samuel Rabelo tanto articula um processo de empatia, colocando-se como aliade, ao descortinar as necropolíticas de Estado que incidem sob as corporalidades trans; quanto a potência da literatura em construir comunidade que nos torna nós e outros ao mesmo tempo. Surge uma escrita que “ao produzir o ser-em-comum da comunalidade, também produz em seguida o senso crítico – que as vezes chamamos de imaginação – para recriá-lo de maneiras inéditas” (Rivera Garza, 2024, p. 82)3. Com efeito, na primeira parte, intituladas “desaforos”, fazemos um passeio pelo quotidiano das vivências trans pelo olhar empático desse eu-lírico cônscio de

que a carne trans, parafraseando Elza Soares, é a carne mais barata do mercado.

Por sua vez, na segunda parte, denominada "35 revoluções" – em uma clara alusão aos 35 anos, média da expectativa de vida de uma pessoa trans no Brasil, Samuel Rabelo desenvolve o que a Rivera Garza[3] (2024) chama de necroescrita, uma escrita tecida pela voz coral das travestis e mulheres trans mortas a ecoarem na voz do eu-lírico em um trabalho coletivo que se torna constitutivo do texto. Aqui sua poesia percorre a narrativa de trinta e cinco mulheres trans e travestis assassinadas pelas tecnologias de morte que estruturam o mundo que nos é dado a conhecer. Realizam-se escritos que emergem como registros anamnésicos de uma sociedade que nos quer silenciadas e mortas. Cada poema, então, descortina as histórias dessas vozes, tecendo um corpo-coro que desafia o esquecimento ao mesmo tempo em que se torna um grito de denúncia e de resistência.

Mas, se por um lado, as poesias de Viscerais: carne, fogo e sangue centram-se na dor; por outro nos provocam a pensar como ir para além dela, ao refletir como mulheres trans e travestis vêm cada vez mais ocupando novos espaços, tentando construir mundos outros possíveis. Dizer histórias

---

[3] RIVERA GARZA, Cristina. **Os mortos indóceis:** necroescritas e desapropriação. Tradução: Joca Reiners Terron. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2024. 318p.

de vidas não ditas, traduzir palavras mal interpretadas, enraizar ancestralidades, incorporar o vivido no tempo espiralado. Somos a interlocução válida de nossas vidas. Somos a interlocução para pensar o mundo, para fabular narrativas de quem pavimentou o caminho até as nossas circunstâncias atuais e que, em alguma maneira, ainda não se encerrou.

Por isso, convido você que está com este livro em suas mãos a conhecer nossas lutas, somando-se a nós na construção de futuridades outras em que todas as vidas importam. Entre neste círculo de fogo e arda com a escrita de Samuel Rabelo; permita-se, como ele, a ouvir a voz daquelas que foram silenciadas pelas tecnologias de morte impetradas pelo Estado-nação e que reverberam potentes em nossas lutas atuais.

Evoé,

Manuela Rodrigues Santos
Primavera nordestina de 2025

PARTE UM
Desaforos

Manifesto:
a carne que o Estado não reconhece

(de um homem "cisgênero" em solidariedade às travestis e mulheres transexuais assassinadas e silenciadas)

Não é estatística. É sangue. É política. É ausência.
É assassinato.

O que escorre pelas frestas do Estado não é acaso, é projeto.
Um projeto de morte que sabe quem pode viver e quem deve morrer.

A carne que o Estado não reconhece
é a mesma que ele empurra para as margens,
silencia nos dados, apaga nas políticas públicas,
desumaniza nos corredores da justiça.

Essa carne tem nome, tem batom, tem identidade,
mas nos registros oficiais é apagada:
"indivíduo de sexo masculino" —
como se uma certidão pudesse justificar a omissão.

Travestis e mulheres transexuais continuam sendo executadas com a conivência institucional

de quem nada faz,
de quem finge não ver,
de quem redige relatórios sem gênero, sem rosto,
sem verdade.

E eu me recuso a compactuar com esse silêncio.

Como homem “cisgênero”, não me cabe falar por elas.
Mas me cabe falar com elas,
estar ao lado delas,
denunciar com elas.
Me cabe reconhecer que meus privilégios
foram construídos sobre os escombros
dos corpos que o Estado insiste em descartar.

Cada travesti assassinada é um grito sufocado pela negligência.
Cada mulher trans morta é mais um dente na engrenagem da exclusão.
São vidas que não chegam aos noticiários,
que não ocupam o luto da nação,
mas que deixam cicatrizes em cada beco onde a luz
do poder não alcança.

O transfeminicídio é real. E tem endereço fixo: a omissão do Estado.
Não basta lamentar. É preciso agir.
É preciso nomear:
o *cistema* é cúmplice,
a justiça é seletiva,
a segurança é um mito para quem não se encaixa.

Este manifesto é um chamado.

À responsabilidade.
À memória.
À ruptura.

Que este texto seja incômodo,
porque confortável é o silêncio que mata.

Enquanto o Estado não reconhecer a carne que
insiste em viver, nós seremos o corpo coletivo
que exige justiça — em cada verso,
em cada praça, em cada voto,
em cada resistência.

Carta às Famílias:
a filha que vocês expulsaram

Falo como homem “cis”,
mas escrevo com o peito aberto
e o estômago embrulhado pelas mortes
que não são minhas,
mas que me atravessam.

Escrevo pra vocês —
pais, mães, irmãos, tias —
que disseram:
"Melhor um filho morto que um filho *viado*"

E assim mataram em vida.

Quantas portas foram trancadas antes mesmo
da adolescência?
Quantas roupas queimadas?
Quantos nomes assassinados no café da manhã?

Não foi o mundo que expulsou primeiro.
Foram vocês.

Com a Bíblia na mão, com o grito na garganta,
com o medo do que o vizinho ia dizer.

A rua virou abrigo,
o beco virou casa,
a noite virou mãe.
A prostituição não foi escolha —
foi destino empurrado por quem deveria proteger.

E mesmo ali, entre rejeições e esquinas, elas
se encontraram.
Travestis com travestis.
Exiladas que se tornaram família.
Sangue “falso”, afeto verdadeiro.
Mães que não pariram, mas acolheram.
Irmãs que se fizeram no meio da dor.

E eu, homem “cis”,
que nunca precisei fugir,
nunca precisei vender meu corpo pra existir,
me pergunto todos os dias:

Quantas morreram esperando um "volta pra casa"?
Quantas foram enterradas como "João",
quando gritavam "sou Mariana"?

Quantas mães disseram “não tenho mais filha”
e hoje dormem sem saber onde está o corpo que negaram?

Esta poesia é ferida,
mas também é esperança.
Porque ainda há tempo.
Ainda dá pra dizer:
“Desculpa.”

“Eu errei.”
“Minha filha, me perdoa.”
“Você tem casa.”
“Você tem nome.”
“Você tem quem te ama — e sou eu.”

E se não der tempo...
que você ame outra travesti como não amou a sua.
Porque cada travesti expulsa é filha de um mundo
que falhou em amar.
Mas o amanhã pode ser outro.
Um amanhã com escolas que ensinam respeito.
Com políticas públicas que protejam,
com igrejas que não expulsem,
com famílias que abracem antes que seja tarde.

Eu escrevo como homem “cis”.
Mas hoje, minha aliança é com quem sangra.
Com quem sobreviveu à própria casa.
Com quem resistiu em saltos, lágrimas e redes de afeto.

Porque amar uma travesti não deveria ser coragem.
Deveria ser só amor.

Carta às Traviarcas:
as que salvaram do fim

Não foram os governos.
Não foi a escola.
Não foi a polícia.
Não foi a saúde.
Não foi a família de sangue.

Foram vocês.

Velhas travestis,
senhoras da noite,
traviarcas das calçadas,
com os corpos feridos de ontem
ainda em pé para proteger os corpos feríveis de hoje.

Enquanto o Estado as chutava,
vocês as calçavam com sandálias velhas e dignidade.
Enquanto a mãe biológica fechava a porta,
vocês abriam janelas de afeto com uma panela de arroz
e batom compartilhado.
Enquanto a igreja dizia "pecado",
vocês diziam "fica".

Enquanto o mundo gritava “vergonha”,
vocês sussurravam “filha”.

Travestis que viraram casa.
Que pariram sem útero.
Que criaram sem direito.
Que sustentaram sem salário.
Que protegeram com o próprio corpo,
com o pouco que o mundo deixava sobrar.

Vocês, as primeiras.
Vocês, que chegaram antes do nome social,
antes das cotas,
antes das ONGs,
antes dos holofotes.
Vocês, que já morriam quando ninguém dizia
“transfeminicídio”.
Que enterraram irmãs sem nome.
Sem justiça.
Sem manchete.

Esta carta é altar.
É coroação.
É cicatriz revelada.

Porque nós sabemos:
cada menina travesti que chegou aos 18 viva,
chegou porque uma mais velha deu abrigo.
Porque uma mais velha escondeu do cafetão.
Porque uma mais velha ensinou a levantar depois da surra.
Porque uma mais velha ensinou o feitiço da sobrevivência.

Vocês são a prova de que o cuidado não vem do Estado,
vem da travesti que sabe que o Estado as quer mortas.
Vocês são política pública que nasceu da urgência.
São estatística viva de resistência negra, pobre, periférica.
Vocês são o futuro que inventou um presente pra quem
ainda nem sabia andar de salto.

E por isso gritamos:

O Brasil deve a vocês cada travesti que não morreu ontem.
O SUS deve a vocês cada corpo salvo na beira do abismo.
A justiça deve a vocês cada sentença que reconheça o
transfeminicídio como crime de ódio.
O mundo deve a vocês uma história contada direito.

Velhas travestis, vocês são as traviarcas da rebeldia.
As ancestrais do impossível.
As mães que o *cistema* tentou calar.

Mas que seguem falando.
Cantando.
Gritando.
Vivendo.

E elas, as que vieram depois,
escrevem com o sangue das irmãs perdidas:

Ninguém será esquecida.
Ninguém será silenciada.
Enquanto uma travesti mais velha estiver viva,
o amanhã ainda pode ser delas, para elas e suas memórias.

Carta ao Sagrado

(em reverência às travestis
que o mundo insiste em apagar)

Sagrado,
não falo daqui como quem viveu,
mas como quem se recusa a ignorar.
Não sou travesti.
Mas é delas que quero falar.
Com elas que quero aprender.
É por elas que escolho me ferir com palavras
quando o mundo se cala diante das balas.

Sagrado,
te busco onde elas foram rejeitadas:
não nos altares que as excomungaram,
mas nos becos onde se abraçaram,
nas pensões onde dividiram o pouco,
nos olhos onde o futuro ainda arde,
mesmo depois de tanto fogo cruzado.

Tu não és o deus que condena o salto alto.
Tu és o colo que ampara o salto no abismo.
Não estás nos livros sagrados que esquecem seus nomes,

mas na unha pintada com esmalte vencido,
na maquiagem dividida entre irmãs,
no perfume forte como uma prece contra o abandono.

Sagrado,
ouve o grito das que tombam
em plena luz do dia,
com o corpo deixado no asfalto,
como se fossem nada.
Tiros. Facadas. Traição.
Corpos estraçalhados,
e a manchete: “morreu mais uma”.
Mais uma quem?
Mais uma filha que ninguém quis chamar de filha.
Mais uma que foi escola para a outra,
que ensinou onde pisar,
como andar,
como não morrer — ou morrer melhor.

Sagrado,
tu és travessia.
Estás na prostituição compulsória transformada em sobrevivência.
Na praça que vira lar,
no farol que vira sustento,

na esquina que vira história.
És o amor que brota entre aquelas que o mundo expulsou.
A família que se refaz entre rejeitadas.

Porque ali, entre travestis mais velhas e mais novas,
entre lençóis rasgados e sonhos colados com fita,
nasce o milagre:
o de continuar viva.

Sagrado,
te peço:
não soltes a mão delas.
Estás nelas.
Estás com elas.
Estás nas oprimidas.
Na que teve nome arrancado,
documento rasgado,
fé esmagada.

És natureza indomável
e também tecnologia insubmissa.
Te revelas no toque que cura,
na mensagem que pergunta:
“chegou bem, mana?”
Na rede que se refaz sem Wi-Fi,

na ancestralidade travesti
que não precisa de templo para ser divina.
Sagrado,
não queremos o céu sem elas.
Queremos um mundo onde elas possam viver.
Com dignidade.
Com nome.
Com afeto.

Se há alguma salvação,
ela vem do ventre das travestis
que pariram a si mesmas
e ainda assim estenderam os braços
para acolher as outras.

Ali, sim.
Ali tu és Sagrado.

Expectativa:
e exigência de vida

me disseram:
travestis vivem, em média,
35 anos.

não como se isso fosse dado,
mas como se fosse
aceitável.
como se morrer cedo
fosse parte do pacote
pra quem ousa ser mais do que esperavam.

sou homem “cis”.
mas não acolho a norma.
meu amor é estigma,
meu desejo é víscera,
minha existência é desviada do roteiro hétero padrão.

carrego no desejo
as marcas de um corpo que o mundo lê como ameaça,
e na alma,
as cicatrizes do que não me deixaram ser em paz.

não sou travesti,
mas a violência que mata travestis
me atravessa.
na omissão do Estado,
no silêncio cúmplice das instituições,
no desprezo vestido de neutralidade.

trinta e cinco anos.

é essa a expectativa de morte que o Brasil tem
para quem rompe com o gênero que foi designado à força.
mas isso não é expectativa,
isso é expulsão programada.

uma pá,
um caixão precoce,
uma certidão de óbito antes mesmo da puberdade.

e o Estado?
o Estado assiste.
lava as mãos.
assina embaixo do esquecimento.

as políticas públicas chegam tarde,
ou nem chegam.

o SUS se fecha,
a escola expulsa,
a justiça sorri
e arquiva os corpos.

e quem se importa?

nós.
os desviantes.
os que amam errado,
os que existem fora da margem.

não por caridade,
mas por sobrevivência coletiva.
porque se as travestis não podem envelhecer,
nenhum de nós está seguro.

não me peçam calma.
calma é pra quem tem tempo.
e elas não têm.
tombam aos 35
enquanto o mundo publica campanhas coloridas
e ignora os becos ensanguentados.

isso é genocídio.
isso é política de morte.

e eu?
homem “cis”,
não negro
LGBTQIA+,
insubmisso,
escrevo pra que me leiam como faca,
pra que entendam que essa voz não é só minha.

é delas.
das que não chegaram aos 35.
das que ainda resistem nas esquinas,
com salto, brilho e cansaço.

eu me recuso a esquecer.
me recuso a sorrir diante da normalidade.
porque enquanto o Estado apagar vidas,
eu vou acender palavras.
e se for preciso,
queimá-las.
pra que reste algo além do silêncio.
pra que reste vida.

Quando o transfeminicídio bate à porta da ciência

No silêncio das letras, um grito irrompe.
não é metáfora: é corpo tombado,
nome apagado nas estatísticas frias,
vida ceifada, sonho calado.

Entre páginas e artigos, encontrei a dor,
vestida de ausência, marcada na pele da travesti
que nunca teve o direito ao porvir,
da travesti que ousou existir — e por isso caiu.

Transfeminicídio:
não é só conceito,
é cicatriz aberta na carne da história,
é o luto que a ciência reluta em sentir.

Nos corredores da academia,
a neutralidade pesa como mordaça.
Mas meus olhos viram — e meus dados choram
— por cada travesti silenciada na praça.

Não posso mais escrever como antes,
não posso fingir que a dor não me atravessa.
Minha escrita sangra, minha pesquisa grita,
minha sina é trave, é protesto, é promessa.

É preciso dizer seus nomes,
rasgar a toga do saber indiferente,
pintar os muros com cor e memória,
fazer do artigo, punho resistente.

Trago comigo não só hipóteses,
mas vozes, ausências e lágrimas.
Porque ciência que não sente
é ciência que falha, que cala, que mata.

E eu?
Eu sigo.
Com coração insurgente
e a certeza de que o saber deve ser ponte,
nunca trincheira —
para que nunca mais,
uma travesti seja enterrada
sem que sua história tenha sido contada.

PARTE DOIS
35 Revoluções

I
O martírio de Milane Spencer

No silêncio da noite, um suspiro se perdeu
Milane, com seus 23 anos, florescia entre as sombras,
num refúgio que a deveria acolher, mas só a traiu.

Sua pele, firmada como a noite sem estrelas,
desafiava o mundo com a graça de quem sobrevive,
e seu corpo, carregado de sonhos e lutas,
escrevia histórias de amor que viraram cinzas.

No espaço íntimo, onde o afeto devia ser abrigo,
se ergueu o horror de um grito abafado,
um eco que se perdeu entre os muros do Loteamento
Jardim Mariana.

Marcos Paulo, que deveria ser abraço,
transformou-se em grilhão, em tortura,
em despedida prematura,
sufocando não só o ar, mas a história de resistência
que Milane carregava.
A violência, que se arrastou durante nove meses
como um espectro, eclodiu numa noite sangrenta,

quando o amor se quebrou na obsessão e no ódio.

Ela, uma travesti preta, com os olhos de quem
ainda acreditava
que o mundo poderia ser um lugar seguro,
foi retirada dele de forma brutal.

Na sua pele, marcas de um amor torto
que só sabia maltratar.
Dentro da casa que deveria ser refúgio,
o corpo de Milane se desfez em suspiros abafados.

Marcos, com seu olhar insensível,
não viu o ser humano, não viu a vida,
mas a construção da violência, da possessão
– tudo isso dentro do templo sagrado
onde o amor deveria florescer, mas nunca o fez.

E o grito de Milane, sufocado por dias a fio,
se tornou o grito de todas as travestis e mulheres trans,
silenciadas em um mundo que se recusa a ver sua dor.
Ela é uma poesia interrompida,
que jamais será completada,
um nome que ecoa com a força de quem não se curva
diante das correntes da transfobia, do desprezo, da morte.

Que sua morte não se perca no abismo da indiferença,
que sua memória se transforme em força
para todas as travestis e mulheres trans que lutam,
que resistem, que continuam a tecer
teias de experiências e afetos,
mesmo sob a lâmina da violência
que as ameaça todos os dias.

Milane Spencer, teu nome jamais será esquecido.
Tu, mártir do amor que te traiu,
continuará a nos ensinar a viver
em uma luta que jamais será em vão.

II
Laysa Fortuna:
espelho quebrado em fúria

Sangrou.
Sangrou como sangram as travestis neste país que
as cospe,
com lâminas de silêncio e desprezo cravadas entre
as costelas.

Laysa Fortuna, teu nome não era um nome — era grito,
e mesmo assim quiseram enterrá-lo no masculino,
como se tua existência fosse erro,
como se tua luta fosse só escândalo.

Espelho, espelho meu...
quem rasgou teu reflexo?
Quem te chamou de "homem" quando tua voz
pedia socorro?
Quem te largou no chão da emergência,
enquanto a transfobia escorria em forma de protocolo?

Foi em frente m Delegacia de Grupos Vulneráveis —
e que ironia! —

que a lâmina encontrou tua carne,
e a cidade, cega, cochilava sob sirenes surdas.
Te jogaram no *cistema* como quem joga lixo:
o nome errado, o gênero negado, o atendimento
demorado, a urgência ignorada.

Na ala vermelha deixaram tua hemorragia virar silêncio,
enquanto tua alma berrava: Eu existo!

Mas tu não morreste sozinha.
Há quem sinta cada facada que recai sobre os
corpos dissidentes.

Choraram o desrespeito no necrotério,
lutaram contra o machado da cisnorma no teu velório.

Travestis que devolveram tua
história com flores e fúria,
com batuques e cartazes,
com o direito de nomear tua travessia com dignidade.
Teu corpo foi levado,
mas tua memória permaneceu no *front*.

Laysa Fortuna,
travesti, guerreira, mártir.

A Fortuna era tua e deixaste um legado:
elas não baixarão a cabeça!

Espelho, espelho meu,
diga à cidade que há sangue no vidro —
sangue das que insistem em viver.

Mas também há fogo,
há punhos cerrados,
há palavras afiadas como navalhas:
não esquecerão, não perdoarão, não calarão.

III
Denise Sollony:
ainda não é vitória, masjá é ruptura

Te apagaram em Aracaju,
onde um dia as araras cantaram sob cajueiros sagrados,
terra de *arákaîu* -
mas hoje o vento carrega gritos,
e o chão, mais uma vez, abre ferida.

Te tombaram onde deveria ser abrigo.
Te alvejaram com a ousadia de quem acha
que travestis ainda podem morrer sem consequência.
Mas o tempo - esse velho coveiro - parou.
E pela primeira vez,
o tribunal disse teu nome sem vergonha.

Dezenove anos.
Não é redenção.
Não é o bastante.
Mas é o começo de uma rachadura.
Uma fissura na parede mofada da impunidade.
Porque agora não é só sangue que escorre -
é memória viva,

é a seiva grossa da revolta que brota do asfalto rachado,
é a fúria que se infiltra nas estruturas como raiz
de cajueiro,
derrubando o cimento do esquecimento.

Aracaju,
onde antes ecoavam os cantos das araras,
hoje carrega a urgência dos nossos tambores,
o peso do luto que se recusa a calar,
a fome de justiça que não morre fácil.

Denise, tu viraste furacão.
Viraste sentença.
Viraste palavra onde antes havia silêncio.

E se o Brasil ainda engatinha na arte de proteger as suas
filhas trans,
que aprenda a temer.
Porque não há mais volta.
Porque agora, quando uma cai,
a cidade inteira estremece.

E sob os cajueiros ancestrais,
nasce um amanhã sem pedido de licença,
onde teu nome Denise,

não será sussurro -
mas tempestade.

IV
Amani:
avesso, apreço, aquece

(para uma travesti preta de 18 anos, afiogada pelo mundo, acolhida por Iemanjá)

Amani,
era teu nome —
caminho e ferida,
grito e nascente.

Tua pele,
noite-caatinga,
carregava a poesia que o mundo rasgou.
Não foi só a água que te levou.
Foi a pedra da palavra não dita,
foi a faca do olhar de nojo,
foi o silêncio das salas de aula,
foi o altar que prometia salvação
enquanto te empurrava ao inferno.

Tu tinhas 18 primaveras,
mas o Brasil não quis te florir.
A escola disse “isso é fase”,
a igreja, “isso é pecado”,

e o Estado?
O Estado sussurrou morte
quando devia ser colo.

Diziam que foste tu
que escolheu o mergulho.
Mas fomos nós —
sociedade hipócrita,
cúmplice de cada lágrima engolida,
de cada afago negado,
de cada beijo recusado à luz do dia.

Tu não te mataste, Amani.
Te mataram.

Te suicidaram devagar
com a indiferença,
com o não-olhar,
com a risada no corredor,
com o nome errado na chamada.

Tua busca era simples:
um pouco de afeto,
um pouco de abrigo,
um peito para repousar sem medo.

Mas o mundo é cruel com quem nasce travesti,
e mais ainda com quem nasce preta,
e mais ainda com quem ousa ser ambas e amar.

Tu foste encontrada nas pedras da Coroa do Meio,
e eu gosto de imaginar que foi Iemanjá quem te acolheu,
com seus braços d'água e conchas no seio.
Que ela cantou teu nome no ouvido das marés
e fez tua dor virar espuma e estrela.

Tu não és estatística.
Tu és revolta.
Tu és reza.
Tu és verso escrito com sangue
num caderno que nunca quiseram abrir.

Agora, Amani,
descansa no fundo do azul,
onde não há mais dedos apontando,
onde teu corpo dança leve,
sem precisar se esconder.

Mas aqui, em terra seca,
há quem te chora.
E há quem te jure vingança em forma de memória.

E quando gritarmos teu nome em praça pública,
será como um trovão doce:

Amani! Avesso, Apreço, Aquece!

Travesti preta,
morta pelo mundo,
acolhida por Iemanjá,
viva em cada palavra que ferve.

V
Alana:
para sempre TRAVESTI
(poesia de luto e levante)

Vestiram teu corpo com o nome da negação,
costuraram o terno do esquecimento
com os fios do desprezo e do sangue frio —
fitaram pelos em sua face,
mas não arrancaram tua voz
da carne viva da nossa memória.

Alana, tu não dormes —
arde em ti o grito não velado,
eco de tantas que disseram “sou”
e foram silenciadas com preces falsas,
santos calados,
e um bigode desenhado por mãos que diziam amor.

Te vestiram de homem na última ceia,
mas tu já eras santa,
santa travesti dos becos e da luta,
que um dia quis ser amada
sem ter que pedir autorização.

Era teu maior pedido:
“não me apaguem, mesmo que eu parta.”
Mas apagaram com lápis preto
o batom que um dia te fez sorrir no espelho,
e costuraram no rosto
a máscara que você passou a vida desfazendo.

Tu morreste travesti,
mas quiseram te enterrar mentira.
Te negaram até a eternidade.

Mas elas —
as vivas, as que virão,
as que dormem em travesseiros
rasgados de resistência —
não te deixarão calar.

Tua memória não será pano de chão
para a moral suja da família tradicional.
Teu nome é espada e flor,
é travessia.
É rebento de caju
rasgando o chão seco da hipocrisia.

Teu corpo, Alana,
foi profanado pelo mesmo Estado
que nunca te ofereceu abrigo,
nem acesso a escola,
nem segurança na rua,
nem nome na identidade.
Mas agora, no fogo que carregamos nos olhos,
te rebatizamos:

Alana Azevedo, para sempre TRAVESTI.
Nem a morte te apaga.
Nem o velório da vergonha te cala.
Tua existência, agora,
é luta que sangra e flor que sobrevive.

VI
Ketlin:
Um tiro na memória

Alguém ouviu o estouro?
não foi trovão, nem festa,
foi um eco cruzando as costelas da noite.
o corpo não caiu —
foi a cidade que se afundou num silêncio viscoso.

havia sangue nas frestas das calçadas,
mas não era ferida.
era um nome escorrendo.
Ketlin.
como quem assina a própria lápide
com batom e fúria.

ela não morreu.
ela atravessou a rua que não volta.
entrou no espelho da história
com salto de vidro e cicatriz.

em Itabaiana,
a lua cochichava com os postes:

“mataram mais uma,
e ninguém viu...”

os jornais disseram:
“um corpo alvejado.”
mas esqueceram de dizer
que era sonho,
era riso,
era travessia.

parda.
não cor.
mas dúvida.
não mulher.
mas abismo.

Ketlin era travesti,
mas nunca esteve aqui,
porque nunca a quiseram aqui.

ela foi feita de silêncios empilhados,
de escolas que a cuspiram,
de igrejas que a dobraram até a culpa,
de Estado que jamais a nomeou.

e o tiro?
ah, o tiro...
foi no passado,
mas sangra o futuro.

Ketlin virou palavra interditada,
memória em combustão,
pulsando no umbigo da terra
que não sabe dar nomes
às suas filhas de vestido e punhal.

não procure seu rosto nas manchetes,
elas foram feitas pra deletar.
não busque seu nome nos arquivos,
lá só vivem os que se deixam normalizar.

mas se, à meia-noite,
no cruzar a ponte,
você ouvir passos no breu —
não se assuste.
é Ketlin,
abrindo caminho no escuro
para todas que ainda ousarão existir.

VII
Keron: Infância interrompida

Não foi só um corpo.
Foi uma infância espancada até o osso.
Treze anos.

Treze.

E o Estado já te tinha por morta
antes mesmo do primeiro batom.

O chão do Ceará bebeu teu sangue
como se fosse chuva de verão.
Mas era massacre.

Era sentença assinada pela omissão,
pela negligência oficial,
pela educação que falhou em ensinar amor.

Não te protegeram, Keron.
Não te viram criança.
Não te chamaram cidadã.

Te apagaram como se tua existência fosse um erro —
e era milagre.
Te bateram com pedaço de pau,
rasgaram teu rosto como quem arranca páginas do futuro.
O agressor? Um menino.

Um espelho partido da mesma infância desamparada,
reproduzindo o ódio que aprendeu a carregar.

Por cinquenta reais,
mas a dívida era outra:
era com a tua dignidade,
com o teu direito de ser menina
e crescer sem medo.

Não foi só ele.
Tinha ao lado dele
cada sala de aula que te negou abrigo,
cada adulto que riu do teu nome,
cada igreja que cuspiu teu corpo,
cada política que falhou em chegar.

Keron, teu sangue não seca.
Ele escorre entre os becos,
mancha as paredes da escola,

encharca a Constituição rasgada.

Tu tinhas treze,
mas te quiseram adulta na dor,
invisível no direito,
velada em silêncio.

Não te deram brinquedo,
te deram caixão.
Não te deram escola,
te deram esquina.
Não te deram proteção,
te deram paulada.

E ainda perguntam:
“Por que elas morrem tanto?”

Elas morrem porque o Brasil mata cedo.
Com as mãos sujas de medo,
com a boca cheia de doutrinas,
e olhos cegos pra infância trans.

Mas tu não foste mais uma.
Foste estopim.
Foste cicatriz no espelho dessa nação.

E teu nome não some.
Keron Ravach.

Treze vezes grito.
Treze vezes urgência.
Treze vezes fúria.

Porque crianças travestis existem.
E seguem tombando.
Até que a gente transforme o luto em justiça
e o sangue em levante.

VIII
Ester nas Dunas, Flor Degolada

Em Olinda nasceu borboleta,
mas lhe cortaram as asas no chão.
Voou tão cedo pra longe da festa,
parou no deserto da desilusão.
Não dançou no frevo da liberdade,
foi dançada na dor da exclusão.

Travesti menina de sonho e veneno,
quis ser estrela em céu de verdade.
Mas nasceu onde o afeto é pequeno
e a lâmina grita: “morre a liberdade”.
Roubaram-lhe o riso tão cedo,
no país que esqueceu de ter idade.

Era outubro — mês das crianças,
mas pra Ester não teve presente.
Teve faca, teve a matança,
teve o dedo cortado, ausente.
Teve sangue na rua lavada,
teve o corpo jogado, silente.
A cabeça? O vento levou...

Genipabu, duna e sal.
Branca areia que não apagou
o grito surdo, visceral.
Turista sorri sem saber
que ali dorme um funeral.

O mar beijou sua face partida,
Iemanjá recebeu sua dor.
Enquanto o Estado, de mãos fingidas,
não reconhece seu horror.
Na escola foi pedra invisível,
na igreja, um "pecado" sem cor.

Não foi só um homem que a matou.
Foi um *cistema* de ferro e grilhão.
Foi a ausência que nunca educou,
foi a culpa de uma nação.
Que esquarteja quem ousa viver
fora da norma e da repressão.

Ester foi flor sem primavera,
que murchou antes de se abrir.
Mas sua morte, em mística espera,
é semente a ressurgir.
Toda travesti que floresce agora

é Ester querendo existir.

IX
O Coração furtado de Quelly

Roubaram-lhe o peito,
mas não levaram tua fúria.
Abriram teu corpo como se abre
caminho em mata virgem,
com navalha e medo.
Mas encontraram o sagrado.

Quelly.
Travesti de nome encantado,
feita de flor e aço,
de amor insurgente que explode no escuro
onde os homens medrosos escondem suas misérias.

Te arrancaram o coração,
não porque era frágil,
mas porque nele cabia
um mundo que eles nunca entenderam.

Eles não suportam o que brilha
quando o corpo diz não.

Eles odeiam o que vive
quando o destino já escreveu morte.

E o teu corpo, Quelly,
era altar de promessa,
era profecia de reexistência,
era o contrário do silêncio.

Por isso tentaram calar.
Teu coração —
guardado como relíquia profana,
em casa suja, em mente podre —
é a prova da covardia que se veste de homem.

Mas não é relíquia.
É bomba.

Teu coração pulsa agora
no peito das outras travestis,
das que caminham de salto sobre a lama,
das que beijam com dentes cerrados,
das que sangram com elegância.

Quelly,
eles não te mataram.

Te fizeram memória armada.
Feitiço de travestis que ardem,
que não fogem,
que vingam.

E toda vez que a noite cai
e uma travesti sobrevive,
teu coração bate mais forte
dentro dessa raiva.

Travestis não morrem.
Viram oração.
E teu nome — Quelly —
é oração de guerra.

X
Laura Vermont:
o silêncio que ecoa

Laura Vermont,
teu nome repousa em silêncio,
não no esquecimento,
mas no grito contido
que rasga as ruas vazias.

Na noite escura,
onde a sombra se confunde com o medo,
teu corpo se tornou o reflexo
da dor que atravessa tantas vidas,
daquelas que são apagadas
pela indiferença e o ódio.

A cidade te viu,
mas não te quis.
Teus olhos, que esperavam apenas amor,
foram cegados pela violência do desprezo
e o silêncio dos que se calam
diante da crueldade que não poupa.

Não houve piedade
no olhar de quem se fez executor,
não houve redenção,
somente a frieza
de um país que se afunda
nas águas da intolerância.

Teu nome, Laura,
não será jogado ao vento
como se fosse só mais um eco perdido,
pois cada passo que se dá
na terra onde a morte te encontrou
carrega o peso de milhares
que não se veem
no espelho da humanidade.

Tu não és mais uma história esquecida,
Laura Vermont,
teu nome é a memória que arde
nas feridas abertas de um povo
que resiste ao esquecimento,
que resiste a dor.
A violência, que deveria calar,
não consegue apagar o som
dos corações que batem em repúdio,

que batem em gritos de justiça.
E o sangue que corre
não será mais silenciado
pelos muros da indiferença.

Laura, teu corpo não foi só dor,
foi resistência,
foi a chama que se reacende
nos corpos que não desistem de lutar,
nos corpos que gritam por dignidade,
nos corpos que gritam por um mundo
onde o amor seja mais forte
que o ódio que tenta se espalhar.

Teu nome, Laura Vermont,
não é mais um sussurro,
é um grito que atravessa as fronteiras
de um país que não entende
o peso da tua morte.
Mas nós, que somos múltiplos,
te carregamos,
e teu sangue agora se faz raiz
na luta que continua.

XI
Hillary:
via-sacra de sangue

Na mata fria de Rio Preto,
um corpo tombou: Hillary,
corpo-esquecimento
sinais de esganadura,
um grito sufocado que ecoa
no silêncio cúmplice do Estado.

Cada passo teu, estreitou a cova
que o mundo abriu sob teus pés.
Trilhos de dor marcavam tua pele
trajeto ancestral de humilhações,
onde a bruta faca da transfobia
dilacerou teu direito de existir.

Via-sacra que não consente trégua:
de casa expulsa,
nos becos tu nasceste de novo,
cada maquiagem, cada salto
um prego cravado na cruz que te impuseram.
Avia-te então, guerreira do não lugar,

onde teu nome persistia em rostos e olhares
que não queriam ver a poesia escrita em tua carne.
Corpo sagrado, profanado, matado
Hillary adornada de dor,
teu sangue regou o chão que lavou tua ausência.

Mas teu espelho não foi fantasma:
foi luta.
Foi respiro das travestis pretas que pousam
nas quebradas, nas ocupações,
nas travessas e circuitos invisíveis
onde existem, persistem, resistem.

E a via-sacra segue:
violações marcadas no corpo,
documentos que te renegarão nos necrotérios,
funerais sem teu nome,
velórios sem teu rosto
cemitério de vidas que o Estado sepultou
em silêncio.

Hoje, tua morte é oração bruta:
um “não passarei calada”,
um relento que invade a voz das que ficam,
um suor viril que molha a ausência

com promessa de luta.

Hillary Perpétuo, travesti.
Tua carne rasgada é estandarte.
O sangue que escorre é sagrado,
da vida - ainda que censurada -
a poesia que o mundo rasgou.

XII
Lorena:
7 minutos

Na sala branca, o bisturi era promessa,
mas a porta fechada era sentença.
Lorena sonhava com o dia —
o primeiro em que sairia sem se esconder da luz.

Mas o mundo, esse mundo,
fez da estética um abismo,
fez da estética um túmulo.

Ela dormia.

Dormia com a esperança costurada na pele,
sonhava com a travessia de uma calçada
sem dedos apontando,
sem nomes cortando como navalha.

Mas o fogo veio antes do futuro.
E o mundo saiu correndo,
deixando ela lá.
Sete minutos.

Sete minutos sem ar,
sete minutos de fumaça costurando os pulmões,
sete minutos para virar estatística.

Ela não era ninguém para a ficha da clínica.
"Desconhecida", disseram.

Desconhecida!

Como se a vida dela não tivesse nome,
como se a gargalhada em Pernambuco
não tivesse ecoado no tempo,
como se Washington não a esperasse com flores
e lágrimas.

Desconhecida!

Como se travestis fossem vultos,
e não carne, não afeto, não história.
Enquanto clínicas clandestinas multiplicam-se
como feridas abertas em cidades sem alma,
a sociedade penteia seus cabelos,
alisa seus medos,
salva-se inteira.

E elas —
travestis, damas da noite,
filhas da coragem —
morrem tentando alcançar o direito de existir de dia.

Lorena queria sol.
Recebeu fogo.

Queria espelho.
Recebeu fumaça.
Queria viver.
Mas o mundo achou que era demais para uma travesti.

Agora, cada vez que a lua se ergue,
ela sussurra entre as cinzas:

“eu só queria sair sem ser caçada.”

E a cada noite,
uma nova travesti sonha com o mesmo dia
em que o sol não será sentença.
Mas por enquanto,
o que resta é essa poesia rasgada,
esse choro que não apaga o incêndio,

esse país que continua esquecendo
enquanto a gente ainda sangra nomes.

Lorena. Lorena. Lorena.

Que teu nome ecoe até que ninguém mais
seja deixada para morrer sozinha.

XIII
Danny não era a garota de Ipanema

(para as que nunca caminharam na canção de Tom Jobim)

Danny não flutuava na calçada,
não sorria no espelho do mar.
Seu corpo era alvo.
Sua existência, delito.
Sua vida, um incômodo urbano.

O Estado calou Danny
com a mesma frieza
com que encera os pisos
dos tribunais que nunca a ouviram.

Ela não era a garota de Ipanema.
Era a travesti do beco.
Do corredor escuro,
da rua sem CEP,
do Brasil sem alma.
O sangue no chão
não vira cartão-postal,
não vira samba,

não vira crônica.
Só escoa —
como se o esgoto soubesse mais
da vida travesti
que qualquer político.

Quem matou Danny?
Foi a faca ou o silêncio?
O homem ou a ausência de políticas públicas?
Foi a mão que bateu
ou a lei que nunca chegou?
Foi o ódio do mundo
ou a omissão estatal?

Ela sangrou,
mas não foi só o corpo.
Sangrou a esperança de uma vida
fora da estatística.
Sangrou a luta costurada à unha,
o peito moldado na coragem,
o direito negado com carimbo.

Danny sonhava com travestis na praia,
livres, bronzeadas, vivas.
Mas o Rio não canta para elas.

O Rio apaga.
O Rio suja de sangue e se finge mar.

Oque o Estado responde
quando a pergunta é:
"Por que ela morreu?"

Silêncio.
Silêncio no gabinete,
silêncio no B.O,
silêncio no enterro sem multidão.

Danny,
teu nome arde em nossas bocas.
Tua ausência pesa como um corpo vivo.
E cada vez que uma travesti cai,
o Brasil enterra mais um pedaço
da sua própria humanidade.

Que tua morte nos grite.
Nos acuse.
Nos desperte.

Porque tua dor
não será arrastada

como teu corpo foi.

Ela marchará conosco,
em cada rua,
em cada faixa,
em cada verso.

Danny Rocha, presente.
Enquanto o Estado mata,
nós gritamos.

XIV
Marcele na lona, o Estado na ausência

Marcele não chegou à escola com caderno.
Chegou enrolada em lona.
Silenciada.
Desovada.
Deslembrada.

Não era aluna.
Mas poderia ter sido.
Se a escola tivesse braços
e não só grades.

Se a Educação fosse abrigo
e não um nome bonito em edital vencido.

O Estado não ensinou Marcele.
Nem leu seu nome com respeito.
Nem escreveu sua existência
em qualquer política pública.
Apenas passou —
como passam os olhos sobre os corpos

que não interessam à nação.

Um carrinho de mão.
Um corpo dobrado como trapo.

Uma calçada escolar.
E tudo isso junto,
uma metáfora mais cruel
do que qualquer poema conseguiria ser.

Marcele,
a travesti, o olhar sentido, a menina viva
que só queria existir com beleza.

Agora é manchete.
É estatística.
É revolta em verso.

Quantas travestis o Brasil terá que
"desovar" na porta da escola
até entender que essa morte
é também uma aula?
Uma lição amarga
de tudo o que o Estado não ensinou.

A lona que cobriu Marcele
é a mesma que cobre a vergonha.
É o véu que escondemos
para não ver a falência
de uma nação que se orgulha do futuro,
mas enterra o presente em calçadas.

Se ao menos a escola dissesse seu nome...

Se ao menos o Hino cantasse sua luta...

Mas não.

Tudo seguiu como se nada
tivesse sido derramado ali.

Marcele,
nós não te esquecemos.
Tua morte nos envergonha,
nos rasga,
nos ensina mais que mil professores.
O Estado não te alcançou em vida.
Mas teu corpo na escola
foi um protesto involuntário.
Uma aula final.

Um grito sem giz:
“Aqui jaz o fracasso do Brasil!”

XV
Rosinha do beco:
quando o tempo insiste em viver

Rosinha,
nome de flor que brota no beco.
Travesti de tempo “vencido”,
sessenta e dois janeiros,
como se fosse pecado
viver além dos trinta e cinco
que a transnecropolítica reservou.

Rosinha não morreu,
Rosinha foi negada
todos os dias,
com o olhar atravessado da vizinha,
com o riso torcido do cabra,
com a ausência de Estado
que nunca quis saber
se ela comia, se adoecia,
se sonhava.

Travesti velha,
disseram.

Como se viver fosse crime.
Como se as rugas não coubessem
em rosto com batom.
Como se o tempo não pudesse
pintar cabelos brancos
em quem carrega a dor
de existir todo dia.

Rosinha resistiu.
E por isso foi punida.
A pauladas.
Às escondidas.
Como quem apaga uma vela
de quem ousou ter chama.

Na Bahia do axé,
do dendê, da reza forte,
a fé esqueceu Rosinha.
E os homens que a procuravam
em silêncio
a deixaram no escuro.
Porque o desejo deles é covarde,
só sai à noite
e foge ao amanhecer.

O Nordeste,
berço do “cabra da peste”,
enche o peito pra cantar valentia,
mas não encara no espelho
a vergonha de matar travestis.
De buscá-las na esquina
e enterrá-las no esquecimento.

Rosinha vendia frutas,
ofertava doçura
num país que só devolvia pedras.
Mas ela ficava.
Mesmo quando o tempo dizia
pra ir embora.
Mesmo quando a rua cuspia
seu nome com nojo.

Rosinha do Beco
é o fantasma que volta
em cada travesti viva.
É aviso:
vocês tentam apagar nossas velhas
porque têm medo do futuro
em que existimos.
E existiremos.

Com rosto de tempo,
com cicatriz de luta,
com flor de beco.

Rosinha, presente.
Porque toda travesti velha
é um milagre
que sobreviveu à vergonha do Brasil.

XVI
Myrella, mandacaru florido na morte

(Cordel para as que vieram, vêm e virão)

No Cabo, a dor deu sinal,
uma faca abriu caminho.
Myrella caiu desamparada,
sem abraço, sem carinho.
Num abrigo sem calor,
fez-se luto em pleno ninho.

Tinha só vinte e dois anos,
mas já via o fim chegar.
O Estado fechou os planos
de quem só queria amar.
Mais uma que o chão devora,
sem justiça pra chamar.

Mas seu nome é resistência,
feito espinho de sertão.
Travesti é flor em ausência,
mas presente na nação.

Mesmo morta, ela se espalha
como sombra e proteção.

Ela é parte de um cortejo
de irmãs que dormem em paz.
De Brenda, Lorena e Dandara,
de Marcele e muito mais.
Cada uma é um clarão
no país que não as faz.

Travesti, quando envelhece,
vira alvo do rancor.
Mas se morre, não fenece,
vira semente e tambor.
Seu corpo, que foi negado,
brota em verso e ganha cor.

Nos becos, nas avenidas,
nas vielas do Brasil,
há promessas renascidas
sob a lona do covil.
Travesti que ousa amar
vira mandacaru viril.

As que vêm, já vêm sabendo
que é no medo que se anda,
mas com peito florescendo
na coragem que comanda.
Mesmo a dor sendo tamanha,
a esperança não desanda.

Myrella, flor do agreste,
não morreu, virou canção.

Seu perfume, que reveste
a mais árida estação,
é memória das que vieram,
é futuro em gestação.

XVII
Evinha:
A noite não perdoa

A noite é ventre, é véu, é chama,
onde a travesti acende o nome.
Evinha dançava com seus passos de asa
na rua que o dia esqueceu de adotar.
Fez da esquina sua escola,
do salto, sua oração.

Na noite nordestina, o silêncio é barulho,
é buzina, é beijo, é batalha.
A cada poste, um altar,
a cada breu, uma esperança.
Evinha sabia: não é o escuro que mata,
mas o que se esconde atrás do olhar.

Amarraram seu corpo como quem cala um poema,
enrolaram-no em lençol como a negar sua pele.
Pisaram seu peito como quem pisa em grito.
Mas travestis são como corais no fundo do oceano:
mesmo quebradas, continuam criando colônias.

Evinha foi entregue à rua como lixo,
mas a rua, cúmplice das suas madrugadas,
a reconheceu como estrela caída.
A cidade passou sem ver.
O Estado? Adormeceu como sempre.
Mas a noite chorou — e com ela, todas nós.

Na escuridão deixaram seu corpo,
mas foi luz o que deixou em nós.
Violência *post* mortem?
A memória sangra mais que a carne.
Mas enquanto houver céu,
Evinha será constelação-travesti.

E a noite seguirá parindo coragem,
na carne-viva de cada travesti
que ousa existir sob a mira do mundo
e ainda assim —
acende o batom, o brilho e a alma,
como quem escreve história com o corpo.

XVIII
Crismilly Pérola: negritude travesti

Na Beira Rio foi calada
uma estrela em sua vez.
Crismilly foi encontrada
sem vida e sem porquês.
No chão, a pele marcada,
na alma, cicatriz de mês.

Já havia sofrido antes,
ferida por transfobia.
Sobreviveu, sem ter sido
acolhida em valentia.
Mas o Estado, omisso, unido
fez da dor sua moradia.

Travesti preta é visada
por um mundo que não quer
ver sua vida afirmada,
ver seu passo em qualquer fé.
A ponte viu a emboscada,
mas finge que nada é.

Na Caxangá foi o grito
que a cidade não ouviu.
Num corpo feito de mito,
de sonho que nunca ruiu,
ficou o sangue bendito
que a rua não engoliu.

Nem velas, nem romaria,
nem Justiça a socorrer.
A noite virou vigia
da infância que não vai ser.
E o corpo, que ardia em dia,
morreu por apenas viver.

Pérola, teu nome insiste,
brilha em rosto e em memória.
No silêncio que resiste,
nós faremos tua história.
Na ferida que persiste,
há de se parir vitória.

XIX
Dandara:
nome que sangra

Na quebrada do Bom Jardim,
o sol se escondeu de vergonha.
Dandara, travesti, flor sem fim,
foi colhida por mãos que a sonham
como ausência, como não-ser,
como corpo que não se ganha.

Doze homens, carrascos do medo,
a tiraram da moto, do mundo.
Acusaram-na sem segredo,
julgaram-na no ódio profundo.
Sem defesa, sem um amparo,
foi linchada no chão imundo.

Pauladas, chutes, insultos mil,
filmaram sua dor, seu clamor.
"Imundícia de calcinha", o vil
gritou, negando-lhe o amor.
Subjugada, arrastada, ferida,
apagaram sua cor, seu ardor.

Tentou subir no carrinho, em vão,
os ossos quebrados, a alma em pranto.
Levaram-na como lixo no chão,
para o fim do mundo, para o canto
onde tiros calaram sua voz,
e pedras selaram seu manto.

Dandara, nome de guerreira,
renomeou-se em resistência.
Mas a cidade, cega e inteira,
negou-lhe até a existência.
Travesti nordestina, negada,
foi silenciada com violência.

Mas seu nome não se apaga assim,
ecoou além das fronteiras.
Virou lei, virou porvir, enfim,
em cada travesti guerreira.
Dandara vive, sangra, resiste,
na memória que não é passageira.

XX
Gisberta:
canto de um corpo além-mar

Expulsa do berço, cruzou o mar,
Em busca de um lugar para sonhar.
Travesti nordestina, voz silenciada,
No Porto, encontrou a alma calada.

Cantava esperanças em notas suaves,
Mas a cidade fechou-lhe as chaves.
Refúgio negado, abrigo ausente,
A rua tornou-se sua corrente.

Meninos de pedra, corações de gelo,
Transformaram seu corpo em pesadelo.
Dias de tortura, risos cruéis,
Apagaram sua luz com golpes fiéis.

Gisberta, nome que ecoa na dor,
Símbolo de luta, clamor de amor.
Seu sangue clama por memória e justiça,
Por um mundo onde a travesti exista.

XXI
Renata Ferraz:
PB-275

Ela soube do segredo
um fio de traição,
o nome dela no silêncio,
o corpo dela na escuridão.

Geovane e Renata,
um encontro marcado,
não por amor,
mas pelo veneno do ciúme,
arma afiada,
faca escondida, asfixia.

Eles a levaram
para longe da luz,
para o palco da traição,
onde a discussão queimou,
onde a faca dançou.

Não foi um impulso,
mas um plano tecido,

uma sombra que acompanha,
um passo que corta.

Renata morreu,
mas o ciúme ecoa,
no silêncio do Estado,
na indiferença do mundo.

E nós gritamos,
contra essa violência
que nasce do medo,
que mata sem pudor,
que destrói vidas,
que não se perdoa.

XXII
Jeje Sucesso:
um corpo, mil lágrimas

Jeje,
a cidade te viu sorrir
nas quadras da Cidade Jardim,
nos carnavais de cores e suor,
nos gestos que costuravam sonhos.

Mas o asfalto da Raja Gabáglia
não te reconheceu.
Te perseguiu.
Te silenciou.

A motocicleta cortou o vento
como faca afiada
em direção ao teu corpo,
que já carregava as marcas da luta.

Do baile ao chão,
um grito abafado
pela indiferença do mundo,

pela violência que não se esconde mais.

Jeje,
não eras só samba e brilho,
eras resistência,
eras vida que se recusa a ser apagada.

Teu nome ecoa
nas vielas da Raja Gabáglia,
nas avenidas que não te acolheram,
nos corações que te amaram.

Jeje Sucesso,
não serás apenas memória,
serás força,
serás grito,
serás revolução.

XXIII
Brenda Lee:
abraço e resistência

Brenda Lee,
travesti guerreira,
mãe das que o mundo esqueceu,
guardava vidas na Casa de Apoio
que levava seu nome —
refúgio de quem sofria com a Aids,
onde o amor era remédio,
e o abraço, proteção.

Em tempos de medo e rejeição,
quando a morte rondava sem aviso,
Brenda abriu as portas do peito,
acolheu corpos doentes,
carregou a dor do mundo
como se fosse dela,
lutando contra o silêncio do Estado,
contra o desprezo da sociedade.

Mas a noite a levou,
a bala cruel que feriu seu peito,

o abandono no matagal,
a ausência de justiça,
o corpo debruçado na margem da vida.

Seu carro, testemunha silenciosa,
manchado de sangue e medo,
guardou os rastros de uma luta
que o ódio tentou apagar.

Mas Brenda não morreu.
Sua história pulsa nas paredes daquela casa,
no afeto que nunca negou,
na luta que permanece,
na memória das que cuidou.

Hoje, clamamos por justiça,
denunciamos o silêncio assassino,
erguemos a voz contra a violência,
e celebramos a força de Brenda Lee,
que ensinou que cuidar é resistência,
e amar, revolução.

XXIV
Santrosa:
canto silenciado

Santrosa, nome de flor e de força,
voz que ecoava nas periferias,
cantora de sonhos, suplente de vereadora,
erguendo a bandeira da cultura,
da visibilidade, da resistência trans.

No Mato Grosso, onde o cerrado é vasto,
teu corpo foi calado com brutalidade,
decapitada, mãos e pés amarrados,
tentaram apagar tua existência,
mas teu legado floresce na luta.

Ocupaste espaços que ainda são negados,
rompeste barreiras com coragem,
mas o ódio não tolera tal presença,
e a transfobia se manifesta em sangue.

Não serás esquecida, Santrosa,
teu nome é semente de mudança,
teu canto silenciado é grito de guerra,

e cada travesti que resiste é tua continuação.

Que a justiça não tarde,
que tua memória inspire ações,
e que o Brasil, país que mais mata pessoas trans,
seja também o que mais luta por elas.

XXV
Roberta da Silva:
carne em chamas

Roberta,
antes da chama, tu já ardia.
A rua sempre foi incêndio:
cada esquina te chamuscava,
cada olhar cuspia cinzas na tua pele cansada.

No centro do Recife,
o mundo te atravessava com fome,
e tu seguia, inteira,
mesmo que o corpo pedisse trégua.

Teu calvário começou antes do fósforo:
quando negaram teu nome,
teu emprego,
teu amor,
tua infância —
e fizeram do futuro uma fogueira acesa.

A morte só repetiu a vida:
um adolescente — filho de um Estado ausente,

ferido pelos mesmos monstros que te feriram —
ateou fogo no teu corpo.
Mas a chama não nasceu ali:
veio de longe,
do abandono que te cercou desde sempre.

Tua carne queimou 40%,
mas o restante queimava há anos.
A dor não começou no álcool,
no fósforo,
no ato.
Começou na miséria construída,
na violência rotineira,
no ódio aprendido,
no silêncio imposto.

Te arrancaram o ar,
e tu lutaste.
Te arrancaram a pele,
e tu já sangravas.
Te arrancaram a vida,
e ainda assim, restava luta no teu olhar.

Roberta,
teu corpo incendiado virou pergaminho:

cada brasa, uma palavra;
cada ferida, um grito:
“não me neguem”.

E quando o fogo apagou,
a rua ficou fria —
porque o calor estava em ti.
Agora, tu que és cinza e constelação,
deixas no mundo um rastro de brasas,
um aviso ardente:
quem morre queimada
nunca apaga.

Teu calvário virou memória.
Teu nome, chama.
E tua história,
carne em brasa que ninguém jamais apagará.

XXVI
Raquelly Letícia:
o corpo consumido

Raquelly, 24 anos,
sorriso aceso no escuro,
no cinema de filmes adultos,
olhares famintos te desejavam,
mas ninguém tocava teu ser.

No dia do aniversário,
a sala virou palco de ódio,
a lâmina rasgou tua carne,
o sangue escorreu pelos corredores,
o Estado observava, impassível.

Te consomem em imagens,
te transformam em espetáculo,
mas na hora da morte,
nenhum afeto,
nenhuma proteção.

A cidade assiste,
o cinema ecoa risos e sombras,
a notícia passa,
a memória do corpo trans
fica ferida, mas presente.

Raquelly, chama que não se apaga,
teu corpo morto denuncia
leis que falham, afetos que faltam,
o público consome,
mas teu nome insiste:
vida roubada, lembrada, viva.

XXVII
Kamylla:
grito de justiça

Não foi só Kamylla.
Ela morreu, sim
mas teve nome reconhecido,
teve sentença,
teve sala de tribunal
e lágrimas que correram com o peso da lei.

Mas e as outras?

E as deixadas nos becos,
deitadas no sangue quente da madrugada,
com olhos abertos mirando o escuro,
em silêncio - sem manchete, sem missa, sem justiça?

Travestis com a garganta cortada
e os sonhos estendidos na sarjeta,
com a esperança estuprada por um Estado
que só reconhece “mulher”
quando convém ao Código Penal.

Quantas Brendas, Renatas, Laysas, Denises?
Quantos corpos que nunca chegaram a ser corpos
no boletim?
Que foram "homens de saia",
que "provocaram",
que "sabiam o risco"
como se viver fosse crime,
como se amar fosse um ultraje.

Kamylla teve “justiça”.
Mas e as que morreram
com o nome errado na lápide?
E as que foram enterradas como indigentes?
E as que não tiveram quem gritasse por elas?
E as que o tribunal chamou de “ele”?

Essa justiça, que hoje nos dá migalhas,
também nos negou banquetes.
Nos deixou com a fome de ser,
a sede de nome,
o grito de mãe que nunca soube onde chorar.

Mas hoje escrevo com as mãos sujas de terra,
do fundo das valas comuns,
com os nomes tatuados na alma

e digo:

Não esqueceremos.
Não perdoaremos.
Não pararemos.

O sangue ainda pulsa nos becos.
A faca ainda grita na memória.

Mas a cada sentença que reconhece uma travesti,
mil vozes ecoam por todas as que tombaram.

A cada Kamylla que é lida como mulher na Justiça,
uma muralha do ódio racha.

E dessa fenda,
brotam as que resistem.
Travestis vivas.
Mulheres trans erguidas.
Memórias em Marsha.

XXVIII
Fabiana:
sangue no chão, flor no sertão

No alvorecer da lida braba,
Do vento seco, do chão rachado,
Lá no Agreste, em Santa Cruz,
Mais um corpo foi silenciado.

Era Fabiana, filha da brenha,
Do solo quente, do povo honrado,
Da Paraíba veio a guerreira,
Com esperança no peito bordado.

Andava firme pelas estradas,
Com salto alto e saia rodada,
De olhos vivos, boca pintada,
E a alma livre, descabelada.

Não era frágil, era centelha,
No chão da seca, era flor regada.
Mas veio a faca, traiçoeira e fria,
E fez do mato sua última morada.

Dizem que foi “Gaúcho” o algoz,
Com a língua torta e as mãos covardes.
Escondeu o ódio dentro do peito,
E despejou em forma de alarde.

Foi numa curva da PE-160,
Que a maldade fez sua emboscada.
Deixou Fabiana no chão, sangrando,
Como se fosse coisa jogada.

Mas o povo viu, o povo gritou,
Não quis calar mais essa ferida.
Quem mora onde a injustiça reina,
Aprende a gritar pra não perder a vida.

E o povo então, com mão e coragem,
Fez justiça, sem farda ou guarida.
Espancaram o monstro até que sentisse,
A dor de quem teve a alma partida.

No meio do mato, o sangue escorria,
Mas brotou flor da cor do luar.
A flor que Fabiana carregava,
Nos olhos fundos, no seu andar.

Não foi em vão sua dor, sua morte,
Há quem resista sem precisar falar.
No sertão, até a terra sabe,
Quem pisa firme merece ficar.

Fabiana era daquelas travestis
Que não se dobram à humilhação.
Com rebolado desafiador,
E fé cravada no coração.

Vivia à margem, mas cheia de brilho,
Mesmo na sombra, fez-se clarão.
Agora é santa do asfalto quente,
Rainha viva do Sertão.

E quem disser que ela era só mais uma,
Não conhece a força de uma nordestina.
Fabiana vive nas rezas do povo,
Nas palhas do terreiro, na noite fina.

Cada travesti caída no chão,
É flor que nasce entre a urtiga e a urina.
Mas segue em pé, no tronco do tempo,
Com seu vestido, sua alma menina.

No Nordeste, onde o sol castiga,
E o preconceito ainda é punhal,
Travesti vira lenda, vira prece,
Mesmo que o mundo lhe queira o mal.

Fabiana, o teu nome ecoa,
Na embolada, no aboio, no coral.
E teu sangue não será silêncio,
Será poema, será cordel imortal.

XXIX
Rafaela:
a voz silenciada da Papuda

Dentro das grades em silêncio fechado,
Rafaela dormia sob um céu de metal,
na ala onde a identidade é negada,
só ecoa a dor no cárcere infernal.

Quatro mãos que dividiram a
cela, de lençol enrolaram seu
respirar, cada puxão um grito
sufocado, seu nome ecoa no
verbo apagar.

Gritos vieram antes do socorro,
policiais ouviram a última oração,
um corpo caiu sem promessa de justiça,
foi silêncio onde havia pulsação.

E a Papuda, que deveria conter,
veio a ceifar a vida de uma irmã,
na cela das trans, virou sepultura,

a violência plantou sua mão.

Rafaela agora é brado forte,
voz que não cala em nenhum lugar,
seu nome chama por dignidade,
pelo fim da morte imposta a quem
ousa amar.

XXX
Isabely:
garganta rasgada, eco de revolta

Na esquina fria de Curitiba,
Isabely tombou na calçada,
um corte profundo na garganta
um grito dilacerado que escorre
como sangue que o asfalto não engoliu.

Motivo torpe, transfobia, transfeminicídio
classificadores “oficiais” da covardia.
Mas a cifra só mascara a crueldade:
um homem de aplicativo, imune
ao preço de R$600, a vida que ele negou
em lâmina fria que lhe rasgou o fôlego.

Essa é a via-sacra de quem ousa existir:
um caminho pavimentado pela exclusão -
famílias que renegam, empregos vetados,
ruas que rastejam sob passos de medo e salto.
Aqui se paga com carne,
se mata com fio, firme e decidido, até
a garganta - um portal profanado.

Isabely correu em busca de socorro,
mas o mundo calou -
funcionários viram o rastro vermelho
e ainda assim, a justiça estremeceu em letargia.
Teu corpo, largado na calçada,
foi mais um mártir dessa crucificação diária:
transfóbica e imperdoável.

E a justiça?
Cega, livre, confortável.
Condenado ou não, ele segue em liberdade,
onde cada esquina-travesti vira objetivo,
segundo, segundo, segundo.

Garganta rasgada - eco de quem grita
no ventre deste país que te nega.
É revolta, é fogo, é promessa:
não descansaremos até ver cravada
a letra final dessa sentença:
justiça, reparação, vivência travesti plena.

XXXI
Jéssica Gonzaga: adubo em fúria
(o Brasil é um cemitério mal disfarçado)

Jéssica,
te esfaquearam no Largo do Arouche
como se a noite fosse um tribunal
e teu corpo, sentença já escrita.

Não foi faca -
foi farsa.
Não foi crime -
foi cruzada.

Gritaram "Bolsonaro"
como se fosse prece,
mas era feitiço podre
escorrendo da garganta oca
de um país em putrefação moral.

Travesti morta não choca,
não sai no Jornal Nacional,
não vira mártir, nem santa.

Vira estatística.
Vira silêncio.

Mas o que eles não sabiam -
é que teu sangue regaria.
Que teu corpo ferido
nutrriria o chão da revolta.

O necrochorume que verte
das urnas, das igrejas,
dos discursos “de bem”
serve de adubo.
Sim -
de adubo.

Cada corpo que tomba
brota indignação.
Cada vez que calam
outra voz se arma de palavra.
E nós - todos nós,
de todas as fúrias, de todos os corpos -
devemos memória e levante.

Jéssica,
não tinha ventre,

mas parias resistência
com teus passos de salto
e tua existência desobediente.

Eles queriam apagar tua chama,
mas só espalharam brasa.

E agora arde.
E agora queima.

E agora floresce:
uma flor-travesti, impura,
que cresce ao lodo das mortes.

Não há odor mais honesto que
o fedor da verdade.
E a verdade é essa:
o conservadorismo fede.

Mas a tua memória, Jéssica,
transforma esse ódio em semente.
E onde eles quiseram plantar o fim,
nós cultivamos o início de uma guerra
feita de afeto e pólvora.

XXXII
Corpo-deserto, corpo-rio:
Carta para Shakira

Te encontraram às margens do rio,
mas tu não estavas à margem.
Tu eras o próprio leito—
profundo, sangrante, ancestral.

Travesti.

Indígena.

Teu corpo era cartografia de desobediência,
rio que não aceita barragem,
pele que carrega aldeia,
memória, flecha,
sangue que sonha com floresta.

Mas nesse país que foi fundado com estupro,
invadido à cruz e pólvora,
destrói-se tudo que escapa
à norma, à cerca, à colônia.
Desde 1500, tua morte já estava escrita

nas cartas dos invasores.

E cada nome que tens —
nome indígena, nome travesti —
é como um grito que desafia
a língua que tentou nos calar.

Tu eras filha do barro e da revolta,
mas te jogaram como lixo,
como se teu corpo não fosse sagrado.

Te mutilaram,
te silenciaram com requintes de ódio,
porque teu simples existir
fazia tremer as fundações do Brasil.

Atravessaste duas maldições impostas:
ser originária e ser travesti.

Por isso, te caçaram como bicho.
Como caçam nossas matas,
nossos rios,
nossos deuses.

Mas tu não eras caça —

tu eras tempestade,
dança no terreiro,
espírito que não se curva ao catequismo.

Teu corpo era templo.
E mesmo morto,
é semente.

Tu sabias o que eras:
um corpo-desertor.

Fugiste das normas do branco,
das palavras do padre,
das orações da ordem,
dos cercados da lei.

E nisso, travesti indígena,
tu foste o terror dos civilizados.

O Brasil te apagou com crueldade,
mas teu sangue corre no Grajaú
como se dissesse:
"aqui jorra resistência".

E quem beber dessa água sentirá tua fúria.
Sentirá tua dança.
Sentirá tua volta.
Porque tu não te vais.

Corpo sem nome?
Mentira.
Tu tens mil nomes.
Mil falas.
Mil encantarias.

E toda vez que matarem uma travesti indígena,
uma nova floresta brotará.
E cada árvore dirá: ELA vive.

XXXIII
Paloma Amaral:
Brutalidade escrita com sangue

Preta, travesti, pobre -
corpo marcado pela exclusão,
Paloma já conhecia o açoite do mundo
antes mesmo do último suspiro.

Na rua, seu corpo era alvo -
não só do olhar, mas da mão violenta,
do racismo que fere,
do transfeminicídio que mata em silêncio,
como sentença de um *cistema* podre,
que nega existência, nega direitos,
que condena corpos trans e negros
a uma morte perpétua.

Espancada, torturada,
presa num porta-malas meses antes -
não foi só um crime,
foi a reprodução cruel
do ódio estrutural que insiste,
que alimenta o necrochorume do racismo,

que corrói a carne da sociedade.

Paloma não morreu sozinha -
morreu por ser quem é,
morreu por ser preta, travesti, vulnerável
num país onde o Estado finge não ver
a faca cravada na garganta das travestis.

É transfeminicídio.
É racismo institucionalizado.
É barbárie naturalizada.

Mas o sangue que escorre dela
não é só morte -
é grito que rompe o silêncio,
é fúria que reclama justiça,
é chama que incendeia a luta,
é semente que explode em revolta.
Paloma, teu corpo massacrado
é a prova viva da falência do cistema,
é o espelho de um país que mata para manter
sua lógica racista e transfóbica.

Mas saibam:
cada golpe, cada ferida, cada morte

será combustível para a insurgência.

Porque enquanto houver racismo e transfobia,
haverá luta -
e Paloma será nome,
memória, resistência.

XXXIV
Luane Costa e o Lobo em pele de cordeiro

Fundamentalismo não salva,
não cura, não abraça -
ele condena, amarra, silencia,
sangra no altar do preconceito,
reza com punhais de palavras vazias.

Luane, travesti, baiana,
corpo vivido em luta,
não buscava salvação,
mas liberdade -
amor que rompe as correntes do ódio.

E ali, no quarto de motel,
onde o corpo deveria ser santuário,
um pastor - lobo em pele de cordeiro -
fez da fé sua máscara,
e do ódio sua arma.

Ele entrou em luta,
mas não foi só briga corporal –
foi guerra contra a existência,
foi tentativa de apagar a luz
que Luane carregava.

Mas o amor liberta,
não aprisiona.
O amor não mata -
é antídoto para o veneno
que a hipocrisia despeja.

Religião não salva, pastor,
quem salva é o amor,
a coragem de ser,
a revolta que nasce do sangue
de quem não aceita morrer calada.

Luane não morreu em vão.
Sua vida, seu corpo, sua luta
é fogo que queima a mentira,
é grito contra o lobo disfarçado,
é esperança que resiste.

Que esse amor livre,

sem correntes nem dogmas,
seja a justiça que o mundo precisa -
e que nunca mais
um lobo em pele de cordeiro
roube o direito de uma travesti existir.

XXXV
Naira Victória:
não foi só crime, foi *cistema*

Naira foi assassinada.
Não foi num surto,
não foi num quarto qualquer.
Foi no território exato onde a transfobia se sente à vontade.

Dias de tortura.
Facas.
Silêncio cúmplice.
Ninguém impediu.

Seu corpo, jovem,
transbordava existência,
mas incomodava.
Porque ousava ser fora da norma.
Porque não se curvava.

Facas não se movem sozinhas.
São empunhadas por uma cultura inteira:
pais que expulsam,

leis que silenciam,
igrejas que amaldiçoam,
políticos que insuflam.

A transfobia não é exceção -
é regra, é estrutura, é projeto.
É Brasil.

Naira foi enterrada.
Mas o que foi enterrado com ela?
A esperança de quantas?
O nome de quantas outras
que não chegam à notícia,
não viram manchete,
mas somam no cemitério estatístico?

O que se matou em Naira
foi o direito de ser.

E o que se ergue em resposta
é o dever de não esquecer.
Não há justiça em um país
onde travestis e mulheres trans
morrem antes dos 35,
e vivem, quando vivem,

em alerta.

Que sua memória seja mais que lamento.
Seja indignação.
Seja levante.
Seja fogo contra o frio das instituições que falham.

Porque Naira não foi a primeira.

E - se nada mudar -
não será a última.

Denúncia: transnecropolítica

(para Rhianna e todas que o Estado esquece)

No carro,
o corpo é tratado como pacote sem história,
sangue derramado que pesa sobre o banco,
uma vida interrompida
que não cabe nos protocolos oficiais.

O assassino confessa,
entrega-se com o peso do crime,
e é liberado.
O Estado abre as mãos,
como se vidas trans valessem menos
que procedimentos burocráticos.

Mata leão, dizem.
Não foi luta,
foi violência planejada
que atravessa a transfobia institucional,
legitimada pela impunidade.

Delegacias e tribunais se movimentam
com rigor para protocolos,

mas ignoram o grito das famílias,
o silêncio das ruas,
o corpo que permanece ausente da justiça.

Onde está a justiça
quando corpos trans são tratados
como provas descartáveis?
Quando confessar não implica responsabilização,
e a liberdade é concedida ao assassino?

Chamam de cliente, de incidente isolado,
mas esquecem que há sangue,
histórias, futuros interrompidos
que se acumulam à margem do Estado.

Não há normalização possível para a impunidade.
Cada corpo morto se torna símbolo,
cada história arrancada, bandeira de resistência.
A poesia se torna grito,
a denúncia se torna ato,
e a sociedade deve responder
por cada vida que tenta apagar.

Nenhuma vida trans é estatística.
Cada morte revela

o racismo, a transfobia
e a transnecropolítica que ainda insiste
em matar e liberar assassinos.

Carta a Xica Manicongo: Com Gratidão

Xica,

Te escrevo com as mãos trêmulas,
porque há séculos tua carne foi marcada
para que os meus olhos, hoje,
pudessem enxergar o que antes não via.

Eu não sou travesti.
Mas sou atravessado, todos os dias,
por travestis e mulheres trans
que me mostram o mundo com outras cores,
outras dores,
e uma força que não cabe em dicionários.

Teu nome foi cuspido na lama da História,
mas tua existência - mesmo que arrancada à força -
virou raiz,
e brotou flor,
e virou trilha.
Hoje, quem caminha por ela também me guia.

Xica,
tu não morreste apenas sob a ordem do chicote,
mas sob a ordem de um mundo que temeu teu brilho.
Mas não te apagaram.
Não conseguiram.
Teu corpo açoitado virou canto,
e tua voz costura gerações.

Cada travesti que hoje me ensina,
que partilha afeto, indignação, saber,
te carrega no sangue.
E eu as escuto.
E me transformo.

Com elas aprendo que meus privilégios,
se não forem instrumentos de luta,
são apenas muros.
E eu escolho ser ponte.

Xica,
te agradeço por ter existido,
por ter se mantido de pé
quando o mundo inteiro te empurrava para o chão.
Te agradeço por ter sido verdade
quando tudo ao redor era punição.

Te agradeço por ter aberto a ferida,
pois dela jorra não só dor,
mas também o desejo de um amanhã menos brutal.

Com respeito,
em aliança,
e com o coração tocado para sempre:

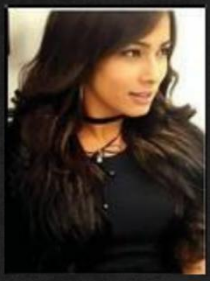
Obrigado.

Ainda Estamos Aqui



Milane Spencer
(1995-2018)

23 anos, Nossa Senhora do Socorro/SE. Foi arrancada do mundo pelo próprio companheiro. Seu corpo, ferido e silenciado, foi escondido dentro da casa onde sonhava viver.



Laysa Fortuna
(1993-2018)

25 anos, Aracaju/SE. Ferida por uma facada no tórax nas ruas do centro, partiu no dia seguinte ao chegar ao hospital. Passou por inúmeras violências institucionais antes de morrer. Sua morte revelou camadas de descaso e reiteradas violências que seguiram mesmo após o fim.



Denise Sollony
(1964-2017)

53 anos, Aracaju/SE. Foi morta a tiros dentro de casa, no conjunto Augusto Franco, surpreendida por homens que chegaram em uma moto e dispararam contra ela.



Amani Frieden
(2004-2022)

18 anos. Aracaju/SE. Desapareceu no início de abril, e seu corpo foi encontrado dois dias depois, na Coroa do Meio, morta por afogamento (segundo o laudo). Sua ausência expôs silêncios e fragilidades da saúde mental, revelando acolhimentos que lhe faltaram. O luto deixou perguntas abertas e um chamado por cuidado e presença.



Alana Azevedo
(1991-2020)

30 anos. Aracaju/SE. 30 anos. Tornou-se símbolo da luta contra a transfobia e a violência *post mortem* ao ser sepultada com roupas que negavam sua identidade de gênero, evidenciando o desrespeito à sua existência como travesti.



Ketlin
(1997-2024)

27 anos. Itabaiana/SE. Foi assassinada a tiros no Bairro São Cristóvão, próximo a invasão conhecida como Inferninho. O crime ocorreu em circunstâncias ainda não totalmente esclarecidas, evidenciando a violência urbana que ceifa vidas prematuramente.



Keron Ravach
(2004-2022)

13 anos. Camocim/CE. Espancada até a morte e deixada em um terreno baldio no começo de 2021, tornou-se a vítima mais jovem registrada de assassinato por ódio no país até os dias atuais. Apesar de sua pouca idade, sua vida foi interrompida pela violência mais brutal, revelando o silêncio e as falhas em proteção, cuidado e acolhimento.



Ester Gomes da Silva
(2007-2022)

15 anos. Natal/RN. Em outubro de 2022, foi encontrada morta, com o corpo mutilado, incluindo decapitação e a ausência de um dedo. O autor do crime confessou, mas a cabeça da vítima só foi localizada semanas depois em um cacimbão em Genipabu.



Quelly da Silva
(1984-2019)

35 anos. Campinas/SP. Foi brutalmente assassinada em um bar e teve o coração retirado em um ataque cuja crueldade expôs o ódio que a cercava. Sua morte chocou pela violência extrema e reverberou como alerta sobre as faces mais cruéis da exclusão social e do fundamentalismo religioso.



Laura Vermont
(1997-2015)

18 anos. São Paulo/SP. Foi agredida na Avenida Nordestina e, ao buscar ajuda em uma padaria, foi expulsa, retornando ms agressões. Ao tentar fugir, entrou em uma viatura policial e foi atingida por um tiro no braço. Foi socorrida, mas faleceu devido a traumatismo cranioencefálico e insuficiência respiratória.



Hillary Perpétuo
(1991-2025)

34 anos. São José do Rio Preto/SP. Em 17 de maio, Dia Mundial de Luta contra a LGBTfobia, Hillary Perpétuo, oito anos depois de sobreviver a um ataque que queimou seu corpo e a manteve internada por vários meses, foi encontrada morta em uma área de mata próxima a um córrego no Jardim Paraíso.



Lorena Muniz
(1996-2021)

25 anos. São Paulo/SP. Natural de Pernambuco, Lorena Muniz viajou à cidade para colocação de silicone e estava sedada quando um incêndio atingiu a Clínica Saúde Aqui, na Liberdade, em 17 de fevereiro. Ela foi abandonada inconsciente na mesa de cirurgia, enquanto todos os funcionários evacuaram o local.



Dannelly Rocha (Danny)
(1987-2025)

38 anos. Rio de Janeiro/RJ. Ativista. Foi encontrada morta na madrugada de uma sexta-feira de maio, no bairro da Lapa, sem lesões aparentes inicialmente. Trabalhava como cozinheira na CasaNem, centro de acolhimento para pessoas LGBTQIA+ em situação de vulnerabilidade social. Foi vista entrando em sua residência com um homem ainda não identificado.



Marcela Valentina
(2005-2025)

20 anos. Maceió/AL. O corpo foi encontrado em 4 de abril no bairro Jatiúca, próximo a uma escola, parcialmente dentro de um saco de lona e enrolado. Morreu por traumatismo cranioencefálico, com sinais de espancamento. Câmeras mostraram o suspeito empurrando um carro de mão nas proximidades.



Rosinha do Beco
(1957-2019)

62 anos. Seabra/BA. Era a travesti mais idosa da Chapada Diamantina e feirante conhecida na cidade. Foi assassinada a pauladas e teve o corpo queimado dentro de sua própria casa. O suspeito do crime foi um adolescente de 15 anos.



Myrella Albuquerque da Silva
(2002-2024)

22 anos. Cabo de Santo Agostinho/PE. Foi encontrada sem vida em um centro de acolhimento, morta a facadas dentro do local. O principal suspeito, que também estava acolhido na instituição, fugiu após ameaçar os funcionários antes da che- gada da polícia.



Wevellyn Marcelly (Evinha)
(1994-2024)

30 anos. Recife/PE. Foi encontrada morta no bairro do Ibura. Câmeras de segurança mostraram o suspeito abandonando o corpo em via pública, amarrado e enrolado em um lençol, chegando a pisar sobre ele, em um ato de extrema crueldade. A vítima apresentava sinais de esganadura.



Crismilly Pérola (Piu-Piu)
(1984-2021)

37 anos. Recife/PE. Era cabeleireira e foi assassinada com um tiro na comunidade Beira Rio, na Várzea. Havia sido vítima de transfobia anteriormente, fraturando um braço e sendo hospitalizada, evidenciando a violência contínua contra travestis e mulheres transexuais.



Dandara dos Santos
(1975-2017)

42 anos. Fortaleza/CE. Dandara foi espancada até a morte em fevereiro de 2017, no Bairro Bom Jardim, em plena luz do dia. O crime ganhou repercussão internacional após vídeo do espancamento ser compartilhado. Os acusados foram condenados por homicídio triplamente qualificado.



Gisberta Salce Júnior
(1960-2006)

45 anos. Porto/PT. Foi submetida por três dias a espancamentos, tortura sexual e queimaduras por 14 adolescentes. Já inconsciente, foi jogada em um poço de 15 metros, onde morreu afogada. O crime, revelou a transfobia e exclusão social. Seu nome passou a simbolizar a luta por dignidade e direitos iguais para pessoas trans.



Renata Ferraz
(2006-2022)

16 anos. Patos/PB. A vítima foi assassinada em abril de 2022, às margens da PB-275, próximo a São José de Espinharas, por asfixia mecânica e fa- cadas. O crime ganhou repercussão nacional pelo programa Linha Direta, e a motivação seria que a esposa do algoz descobriu seu caso com a vítima.



Jeane (Jeje Sucesso)
(1993-2025)

32 anos. Belo Horizonte/MG. Foi assassinada com dez tiros, a maioria na cabeça, por dois homens em uma moto na avenida Raja Gabaglia, enquanto voltava de um bar. A execução foi determinada por traficantes do Comando Vermelho (CV) por ter feito o símbolo do Terceiro Comando Puro (TCP). Atuava na Escola de Samba Cidade Jardim.



Brenda Lee
(1948-1996)

48 anos. São Paulo/SP. Brenda foi encontrada morta a tiros na Serra da Cantareira, de bruços em um matagal, sem documentos ou dinheiro. Converteu sua casa no primeiro centro de apoio para pacientes vivendo com HIV/Aids no Brasil, um dos primeiros do mundo. Seu carro foi encontrado com manchas de sangue e marcas de balas no estofamento.



Santrosa
(2005-2022)

27 anos. Sinop/MT. Cantora de *pop* e *funk*, e suplente de vereadora, líder e defensora de políticas culturais para comunidades periféricas e inspiração para a população LGBTQIA+. Após desaparecer, foi encontrada decapitada, com mãos e pés amarrados.



Roberta da Silva
(1989-2021)

32 anos. Recife/PE. Vivia em situação de rua no Cais de Santa Rita, na área central de Recife. Sofreu queimaduras em 40% do corpo provocadas por um adolescente em 24 de junho de 2021, resultando em falência respiratória e renal, amputação de um braço e parte do outro.



Raquelly Letícia
(2001-2025)

24 anos. Recife/PE. Assassinada no dia do aniversário dentro de um cinema adulto no Centro da cidade, na Rua Princesa Isabel, bairro da Boa Vista. Levou várias facadas. Dias antes, havia se envolvido em uma briga de rua e teria sido jurada de morte caso voltasse ao Centro.



Kamylla Roberta
(1989-2018)

29 anos. Canasvieiras/SC. Encontrada morta em junho de 2018 dentro do próprio apartamento. Mantinha uma relação íntima com o réu, que a atacou com uma barra de ferro enquanto dormia. Além do crime de homicídio, ele também foi condenado por furto, recebendo 14 anos e 11 meses de reclusão em regime fechado.



Fabiana da Silva Lucas
(1991-2021)

30 anos. Santa Cruz do Capibaribe/PE. Foi assassinada na madrugada às margens da PE-160, surpreendida por golpes de faca sem chance de defesa. O autor, de 22 anos, conhecido como "Gaúcho", estava no mesmo bar que a vítima e foi linchado por populares no local.



Rafaela Lorena Soares da Rocha
(* - 2024)

Sem idade mencionada. Brasília/DF. Foi morta por asfixia dentro da ala destinada a custodiadas transgêneras no Complexo de Internamento e Reeducação, na Papuda. As detentas que dividiam a cela confessaram ter utilizado um lençol, puxando cada uma de um lado até causar a morte da vítima.



Isabely Moreira
(1985 - 2023)

38 anos. Curitiba/PR. Foi assassinada em 14 de novembro de 2023, no Centro da capital. O crime ocorreu após um programa sexual, quando o autor se recusou a pagar R$600,00. O agressor, motorista de aplicativo, foi condenado pelo Tribunal do Júri. A pena foi de 21 anos de prisão.



Jéssica Gonzaga
(1993 - 2018)

25 anos. São Paulo/SP. Foi assassinada na região do Largo do Arouche. Testemunhas relataram xingamentos de cunho LGBTfóbico durante a discussão. Foi vista beijando o suspeito e, após uma discussão, foi atacada e morta com seis golpes de faca.



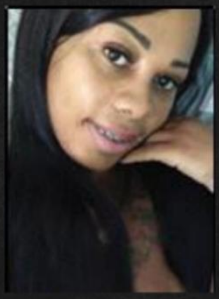
Shakira
(2002-2025)

23 anos. Grajaú/MA. Travesti indígena, moradora da Aldeia Cocal. O corpo foi encontrado boiando no rio, na região do Limoeiro, com a causa da morte apontada como afogamento. Em 2023, havia sido vítima de espancamento e violência sexual no Dia dos Povos Indígenas. A Polícia Civil investiga as circunstâncias da morte.



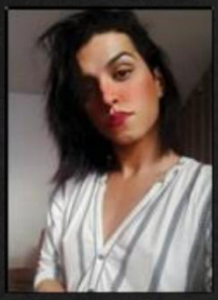
Paloma Amaral
(1989 - 2023)

34 anos. Teresina/PI. Espancada até a morte com pauladas na cabeça. Era assistida por uma Casa de Acolhimento e estava em acompanhamento psicológico, além do processo de retificação do nome civil. Em 2021, havia sido vítima de tortura extrema, com a violência gravada e divulgada nas redes sociais.



Luane Costa Silva
(1997-2024)

27 anos. Santos/SP. Natural de Santo Antônio de Jesus/BA. O corpo foi encontrado em um motel. O MP-SP denunciou um pastor de 45 anos por homicídio duplamente qualificado. Ele afirmou ser casado há 25 anos e pai de três filhos. Disse que a violência ocorreu após descobrir que a vítima era uma mulher trans e temer que a esposa descobrisse a traição.



Naira Victória da Silva
(1997-2024)

27 anos. São Paulo/SP. Foi torturada por vários dias e morta a facadas na Vila Gustavo, Zona Norte da capital. Estava desaparecida e havia parado de responder mensagens. A PM foi acionada após um inquilino relatar que o proprietário do imóvel havia confessado o homicídio; não há informações sobre prisão.



Rhianna Alves
(2007-2025)

18 anos. Luís Eduardo Magalhães/BA. Morta por um motorista de aplicativo de 19 anos após um desentendimento durante um programa sexual. O autor aplicou-lhe um golpe conhecido como “mata-leão”, transportou o corpo no porta-malas até a delegacia, confessou o crime e foi liberado para responder em liberdade.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Entre carne, fogo e sangue, corpos continuam dançando.

Há incêndios que não começam nas chamas. Começam no olhar que rejeita, na palavra que fere, na política que abandona, no silêncio que naturafiza a violência. Antes de queimarem no fogo, muitas travestis já foram queimadas pela exclusão, pela transfobia e pela recusa de sua humanidade.

Este livro reúne escritos a partir dessas ausências. Cada página transforma dor em memória, luto em resistência e palavra em permanência. Aqui, a poesia não busca suavizar a violência, mas nomeála. Não pretende consolar, mas convocar.

As travestis que habitam estas páginas recusam o apagamento. Permanecem de pé, mesmo entre cinzas. Fazem do próprio corpo território de existência, da memória um ato político e da sobrevivência uma forma de insurgência.

Este não é um livro apenas para ser lido. É um convite para testemunhar vidas que insistem em florescer onde o mundo tentou plantar apenas o esquecimento. Porque, enquanto houver quem escreva seus nomes, nenhuma tentativa de apagamento será definitiva.

“Com eias aprendo que meus privilégios, se
não forem instrumentos de íuta,
são apenas muros.
E eu escolho ser ponte.“

Rabelo

EDITORA ASSOCIADA À ABEU
abeu.org.br

CAPES

Edições UERN